

As Areias de Itapoá

Por Pedro Silvano Gunther



O ano de 1964 foi um ano muito importante, tanto para o Brasil como para mim. Em março aconteceu o que na época chamamos de “revolução militar”. Hoje a história registra como “golpe militar”. Mas esse é um assunto que não cabe esmiuçar aqui. Mais importante, para mim, foi que em outubro daquele ano nasceu Setsuko, a alma que viria, “muchos años después” (lembrando as palavras que abrem Cem Anos de Solidão), juntar-se à minha, para seguirmos “nesta longa estrada da vida” (Milionário e José Rico).

E em janeiro daquele ano foi que conheci o mar. O mar de Itapoá. E voltei a esse mar em todos os verões seguintes, completando, neste 2026, 62 verões.

O mar era muito maior. Principalmente a faixa de areia. Talvez a minha memória me traia, até porque na época eu achava tudo maior do que acho hoje. Eu tinha modestos 8 anos de idade.

A sensação era de amplidão. Uma areia sem fim. E, depois dela, um mar sem fim.

À medida que os anos passaram, a areia foi encolhendo duplamente. Primeiro, porque, ao crescer, colocamos o tamanho das coisas em outra perspectiva. Depois, porque, de fato e infelizmente, a areia foi sumindo.

Numa ação que ingressamos contra o Patrimônio da União, o perito judicial comprovou que ali, no local que eu frequentava a praia, a linha da preamar média avançou 77 metros em relação à linha que existia em 1831, quando foi promulgada a lei que criou as terras de marinha. A erosão nos últimos anos, devido ao aquecimento global, foi a mais agressiva.

Meu pai brincava, dizendo que o mar estava levando essa areia para o outro lado do Atlântico, e que, então, tínhamos que reivindicar nossa propriedade lá na África!

Na Riviera Santa Maria não se nota o avanço do mar porque não houve ocupação da área frontal. A restinga permanece intacta. Em outros pontos da orla, onde foi construído à beira-mar, a praia desapareceu.

Eis que as areias agora voltam, graças à engorda da praia. Não são as mesmas areias da minha infância. Mas serão as areias de outras crianças. Meu desejo é que esses novos infantes cresçam num mundo mais justo e solidário, com mais respeito à Natureza.

